

ECONOMIA DA MANIVA NA COMUNIDADE DE TRACUATEUA DA PONTA, SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ, PARÁ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Antônio Arthur Cruz do Nascimento¹, Francisco de Assis Costa²

¹Geógrafo, mestrando em Planejamento do Desenvolvimento do Núcleo de Altos; Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará; aarthurcdn@hotmail.com

²Professor e Pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e do Programa de Pós graduação em Economia da Universidade Federal do Pará; francisco_de_assis_costa@yahoo.com.br

Artigo recebido em 29/04/2020 e aceito em 13/05/2020

RESUMO

O texto se propõe a apresentar dados empíricos relativos a economia camponesa de maniva, em Tracuateua da Ponta, interior de Santo Antônio do Tauá, Pará. Mobiliza a partir daí, reflexões sobre autonomia camponesa e, para além da instância produtiva, o associativismo e a inovação técnica e comercial inerentes às virtudes econômicas da atividade para a comunidade. Discute a interferência de atores exógenos, como instituições normativas e finaliza propondo reflexões sobre a importância de iniciativas endógenas de desenvolvimento e do fortalecimento destas.

Palavras-chave: Economia Camponesa; Maniva; Associativismo.

RESUMEN

El texto propone presentar datos empíricos relacionados con la economía campesina de maniva, en Tracuateua da Ponta, interior de Santo Antônio do Tauá, Pará. A partir de ahí, moviliza reflexiones sobre la autonomía campesina y, además de la instancia productiva, el asociativismo y la innovación técnica y comercial inherentes a las virtudes económicas de la actividad para la comunidad. Discute la interferencia de actores exógenos, como las instituciones normativas, y concluye proponiendo reflexiones sobre la importancia de las iniciativas de desarrollo endógeno y su fortalecimiento

Palabras clave: Economía campesina; Maniva; Asociativismo.

INTRODUÇÃO

Este texto tenta aglutinar elementos teóricos e empíricos de uma pesquisa maior, em andamento, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, a nível de mestrado e se propõe, sobretudo, a incitar a discussão e a atenção acadêmica para as inovações diversas recorrentemente presentes no universo socioprodutivo camponês, de escala técnica produtiva à dimensão representativa e reivindicatória, fruto de articulações internas entre famílias camponesas.

A ideia é, por fim, expor elementos empíricos relativos à produção de maniva pré-cozida na comunidade de Tracuateua da Ponta, em Santo Antônio do Tauá localizado na Região Intermediária de Belém e, dentro desta, da Região Imediata da capital do Pará, Belém.

Expôr no sentido de articulá-los a um contexto maior, que mobiliza para além da instância produtiva, o associativismo e a inovação técnica e comercial inerentes às virtudes econômicas da atividade para a comunidade.

Para esta aglutinação, priorizou-se dados obtidos em estadias em campo e conversas com produtores de maniva, proprietários de agroindústrias de beneficiamento da maniva, trabalhadores vinculados formalmente a esta produção e famílias que também produzem, mas se inserem informalmente no circuito.

Num primeiro momento, após um percurso histórico de formação socioespacial da comunidade, tenta-se desenhar os primeiros eventos importantes ao surgimento da atividade de beneficiamento e venda da maniva em Tracuateua. Em seguida, inserem-se as relações da comunidade com instituições como a EMATER e ADEPARÁ num momento do texto em que se procura fazer uma leitura do quadro atual da produção na comunidade. Decerto, a empiria não se esgota, mas mantém viva as discussões que ajudarão a fundamentar uma leitura mais holística no final da pesquisa completa.

A COMUNIDADE DE TRACUATEUA DA PONTA

A articulação teórica desta pesquisa fundamenta suas bases empíricas no município de Santo Antônio do Tauá, localizado na Região Intermediária de Belém e, dentro desta, da Região Imediata da capital. A formação socioespacial do município remonta à ocupação de áreas subsequentes a construção da Estrada de Ferro Belém- Bragança no nordeste paraense a partir da segunda metade do século XIX.

A priori, os impulsos demográficos por vias fluviais entre os séculos XVII e XVIII em torno da ligação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará e de São Luís do Maranhão das fazendas de jesuítas e das sesmarias, imprimiram um sentido litorâneo de ocupação nas áreas que compreende, hoje, o município de Vigia de Nazaré (NASCIMENTO, 2016). Na mesma medida em que os projetos de colonização agrícola no nordeste do Pará, século XIX e início do XX, definiram um padrão de ocupação basicamente em função da abertura de estradas, em torno da ligação que Vigia tinha com a estrada de ferro Belém – Bragança (PALHETA, 1980). A autora pontua também que projeto de colonização agrícola era operacionalizado predominantemente por mãos familiares nordestinas trazidas pelos

fluxos migratórios patrocinados pelo Estado e davam forma a padrões de ocupação firmados no então “caminho de Vigia”.

Neste sentido, os padrões de ocupação nas localidades mais antigas obedeceram tanto ao ordenamento territorial oriundo das políticas de colonização agrícola (portanto, em lotes divididos entre ramais transversais a PA 140) como aproveitaram as confluências destes com vias fluviais navegáveis (localização por exemplo, da sede municipal na atualidade), mas também mantiveram paralelamente as tendências de ocupação funcionalizadas pelos rios e ligações com outras localidades, imprimindo na atualidade uma diversidade de atividades rurais em função também das diferentes trajetórias de ocupação.

Este íterim garante a vocação essencialmente agrícola ao município na atualidade, contando com cerca de 798 estabelecimentos familiares segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário de 2015, os quais apresentam diferenciações elementares entre agrossistemas, força de trabalho, intensidade técnica e de capital, superfície plantada, integração ao mercado e diferenciações no uso de bens naturais e impacto socioambiental.

Como grande parte da Amazônia, o município apresenta em sua formação socioespacial resultados de modelos de ocupação diferenciados do território, preteritamente comunidades que surgem às margens de rios vão aos poucos sendo ligadas a outras através de estradas de terra que marcam um processo de ocupação territorial mais recente.

A comunidade recorte deste estudo, Tracuateua da Ponta, localiza-se no ramal que liga a Vila de São Raimundo dos Borralhos, às margens do Rio Tauá, a sede do município. situa-se a oeste de Santo Antônio do Tauá, na bacia hidrográfica do rio Tauá. Ddistante 19 quilômetros da sede, é formada por cerca de 400 famílias, sua atividade econômica de maior destaque é a agricultura, notadamente a produção de maniçoba pré-cozida, ligada a mercados urbanos da Grande Belém.

O SURGIMENTO DA PRODUÇÃO DE MANIVA NA COMUNIDADE

O que desperta o interesse desta investigação científica na comunidade surge a partir da década de mil novecentos e oitenta: iniciativas locais de comercialização de maniva surgiram quase que de maneira espontânea, sem algo que remetesse aum acordo estratégico econômico coletivo ou uma intervenção externa, mas marcou profundamente a articulação de grande parte da comunidade em torno de suas possibilidades reprodutivas.

Em pesquisa recente, Ciarini (2016) demonstra que a espontaneidade que aqui atribui-se ao desenvolvimento da produção e comercialização da maniva, da variedade macaxeira (*Manihoc utilíssima Crantz*), como atividade econômica de Tracuateua surge quando um agricultor muda-se para Belém na busca de melhores oportunidades de estudos para seus filhos e assegura economicamente essa mudança com a venda de frutas e legumes em feiras no bairro da Pedreira, na capital.

O agricultor, senhor João Batista da Silva, conhecido na comunidade por “Janguito”, incorpora no seu estabelecimento de vendas a maniva comprada no Mercado do Ver-O-Peso e observa no sucesso de vendas a possibilidade de integrar no mesmo pacote, a produção e a comercialização do produto, em fase posterior a revenda como vinha fazendo. É nesse contexto que a adesão de mais cinco camponeses, na época, à produção e comercialização através do ponto de venda que Janguito possuía, flui para o surgimento de associação enquanto estratégia coletiva de fortalecimento de uma atividade local e atendimento de um mercado crescente e pouco explorado.

Neste contexto, em 1983, surge a Associação de Moradores e Produtores de Tracuateua (AMPTEUA), como um marco no percurso histórico da produção camponesa na comunidade, representando a institucionalização do associativismo como estratégia não apenas produtiva, mas política e territorial. Ciarini (2016) tracejou o percurso histórico do associativismo na comunidade, demonstrando seu sucesso desde a incorporação de novos associados produtores, até conquistas advindas com a associação como construção de Escola, aquisição de terras para o plantio e maior autonomia institucional para reivindicações.

O aumento crescente da produção ocorria em função das expansões de mercado na capital, a inovação primeira e fundamental neste momento foi a venda de maniva pré-cozida e moída, garantindo, segundo a autora, que em 2012 a maniva pré-cozida ou maniçoba pré-cozida já fosse um produto amplamente conhecido e comercializado no Mercado Ver-O-Peso, Feira da Pedreira e redes de supermercados, com demanda suprida quase que exclusivamente pelo município de Santo Antônio do Tauá. O pré cozimento da *Manihot esculenta Crantz* (folha da mandioca com alto teor de ácido cianídrico) já em 1992, foi o caminho encontrado para suprir demandas de mercado que a aposta inicial, uma vez que o cozimento elimina o ácido cianídrico das folhas, componente altamente tóxico.

Esse sucesso econômico possibilitou inovações técnicas e aquisições logísticas fundamentais para a expansão do volume de produto comercializado pela associação, como a

compra, por Janguito, de uma Kombi e de uma máquina de moer carne utilizada para triturar as folhas de maniva já nos anos de 1990, conforme escreve Ciarini (2016).

As inovações sucessivas a estas dão conta da incorporação de latões com capacidades maiores e expansão dos tamanhos e quantidade dos fornos de cozimento do produto, explicam de forma clara como os processos de inovação são intrínsecos as relações sociais que dão sentido as relações de trabalho no campo. Os processos de decisão obedecem a lógicas próprias que consideram as demandas externas (de mercado) mas que incorporam possibilidades domésticas de ampliação e otimização do emprego de trabalho, na lógica própria de produção camponesa.

Escreve Costa (2001), que

é fundamental ao acrescentar que entende-se por produção familiar rural, ou camponesa aquela assentada sobre unidades de produção que têm na família seu parâmetro decisivo, tanto na definição das necessidades reprodutivas, quanto na extensão e intensidade do uso do trabalho. (COSTA, 2001, p. 77).

Diante de iniciativas notadamente coletivas em torno das possibilidades reprodutivas, observa-se a importância que as relações de trabalho dentro do seio produtivo camponês transcendem a materialidade de relações assalariadas como no modelo capitalista e transpõe rumo a dimensão cultural e simbólica do viver em comunidade, afinal

a noção de trabalho, nas formas mais diretas de sua execução, como aquele presente em certo campesinato da Amazônia, faz parte de um sistema mais amplo de ações e estratégias indissociáveis de outras ações do cotidiano, bem como as relações de parentesco, políticas e mesmo religiosas (CASTRO, 1999, p. 36).

A partir destes elementos socioprodutivos e dos acontecimentos dispostos, a produção de maniva da comunidade passou por um processo de expansão, em especial no começo dos anos 2000.

CENÁRIO ATUAL DA ATIVIDADE EM TRACUATEUA DA PONTA

Apesar da crescente expansão dos ganhos econômicos obtidos pela comunidade de Tracuateua da Ponta, desafios normativos inibiram significativamente as condições materiais de reprodução econômica da atividade. Ciarini (2016) demonstra que a ausência de layout da agroindústria de processamento, práticas satisfatórias de beneficiamento; delimitação de temperatura adequada para o tempo de cozimento; envasamento inadequado; tempo de prateleira; entre outras causas, “motivou a atuação de fiscalização da ADEPARÁ na

comunidade de Tracuateua e todas as agroindústrias foram notificadas para adequação às normas da vigilância sanitária, embora a própria agência não apresentasse uma proposta técnica para adequação”(CIARINI, 2016. p. 53).

A associação buscou apoio na Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Pará “para apresentar à Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Pesca (SEDAP), na época SAGRI, o projeto de construção de uma Agroindústria Comunitária de processamento de maniva pré-cozida. O projeto não foi aprovado e nove agroindústrias artesanais do município foram fechadas, ficando somente três, que se encontravam em melhores condições e iniciaram a adequação.

Neste momento, devido a insuficiência de matéria-prima para a produção de maniva pré-cozida, a Comunidade começou a buscar folhas no Município de Bragança, o qual, no momento iniciava sua produção de maniçoba apresentando-se como forte concorrente de mercado. O distanciamento da normatização técnica com as possibilidades produtivas da comunidade representa um constrangimento da produção.

Houve, portanto, um *gap* entre a atuação das instituições normativas e reguladoras de produção de alimentos e o arranjo formado em torno da produção camponesa de maniva. Esse impasse revela-se na medida em que a atuação formal de um agente inibe e constrange uma iniciativa local de produção que não se desenvolveu dentro de modelos estabelecidos *a priori*. A vigência deste impasse simboliza, na prática, um obstáculo que transcende a rentabilidade econômica e incide sobre elementos socialmente tangíveis que materializam a reprodução camponesa em Tracuateua da Ponta. O elemento central passa a ser uma lacuna que supera os discursos institucionais reguladores e as possibilidades produtivas da comunidade: encontra-se num campo em que os códigos de linguagens, normatizações e modelos produtivos não interagem entre si e resultam em uma retração a iniciativas locais de desenvolvimento.

As agroindústrias que atravessaram os descompassos entre a produção local e as normativas institucionais (pós 2011/2012) passam, até a atualidade, por um processo de adequação técnica imprescindível a sua existência enquanto agroindústria: a relação entre as instituições (tidas aqui como Emater e Adepará, em Santo Antônio do Tauá) e a comunidade de Tracuateua tem como canal principal a AMPTEUA. Não há uma associação exclusiva de produtores.

Apesar dos "desencontros" entre as instituições e os produtores de maniva na comunidade, atualmente há uma relação mais de cooperação que necessariamente de

fiscalização entre os produtores e agências de assistência técnica rural e de fiscalização: o vínculo da EMATER - ASSOCIAÇÃO - COMUNIDADE (neste grupo integra-se produtores de maniva, proprietários de agroindústrias e moradores) possibilita além da orientação técnica para produção agroindustrial, a oferta de cursos de curta duração como de "Manipulação de Alimentos" para tracuateuenses diretamente ligados a produção de maniva pré-cozida.

A partir do fechamento das agroindústrias em função das inibições normativas, houve uma reorganização da atividade: atualmente quatro agroindústrias formais (agroindústrias que higienizam a folha, trituram, pré-cozinham, embalam e comercializam) que ainda não atendem de forma satisfatória todos os requisitos legais para funcionamento e sete produtores informais (produtores que fornecem maniva ora pré-cozida ora in natura para ser incorporada pelas agroindústrias), há controvérsias quanto ao número exato de produtores informais, uma vez que as agências coíbem a incorporação dos seus produtos nas agroindústrias por ser uma produção marginal às adequações técnicas.

A associação, segundo os proprietários de agroindústrias já entrevistados, pouco auxilia diretamente na atividade dos que possuem as fábricas, esta auxilia mais os produtores principalmente pela disponibilidade de terras para plantios rotativos entre os associados e através dos pedidos de aposentadoria rural. A associação dispõe de terras coletivas que são cedidas temporariamente aos sócios para atividades agrícolas.

A obtenção de matéria prima em outros municípios e o escoamento do produto é feito com raras parcerias logísticas entre os donos de agroindústrias.

A maior, chamada "Mano Velho" é uma das consolidadas mais antigas e a que primeiramente se adaptou as normativas de produção. Há mais de 15 anos atuando, mantém o ritmo de produção necessariamente por relações extra locais: compra folha de maniva de produtores bragantinos e de áreas de plantio nas margens da alça viária (cerca de 3 a 4 toneladas/semana) e fornece ao mercado de Belém (Mano Velho especificamente a supermercados como Preço Baixo, Bom Preço, Meio a MeioParaense e Amazônia) a média de 3 toneladas por viagem, sendo três viagens por semana.

Mano Velho emprega de 15 a 20 funcionários e essa variação ocorre em períodos de alta demanda (como imediações do Círio de Nazaré), a maior parte destes funcionários tem plantios familiares e se empregam temporariamente na agroindústria como atividade complementar da renda, inclusive plantando nas terras comunitárias da Associação.

Os proprietários compram folha de maniva de comunidades que tem em sua vocação econômica a produção de farinha e de goma, aproveitam o excedente não aproveitável nas atividades (a folha de mandioca) comprando e beneficiando. O ponto principal dessa parceria é que a fábrica tem alta demanda semanal a qual seria impossível suprir com a oferta de maniva na comunidade de Tracuateua e imediações, a única absorção para a produção que a fábrica faz na comunidade é a compra de lenha para o pré-cozimento da maniva (na comunidade Furo, nas imediações). A transação comercial de folhas é feita por atravessadores e essa parceria foi firmada a partir de 2014, período que marca o início do aumento de produção e necessidade demais matéria prima.

Uma outra realidade dentro das agroindústrias, na "Maniva Sabor Tracuateuense", por exemplo, há relações produtivas mais consolidadas em escala local: a de produção de em média 2.100 toneladas escoada para a capital dávida em três viagens semanais para supermercados de médio porte, em Marituba, Belém e Icoaraci. Por ser uma produção menor, a demanda de folhas é suprida pelo abastecimento local, de produtores de goma e necessariamente de maniva na comunidade de Tracuateua da Ponta e comunidades próximas, como Borrachos, Furo, Santana e Santa Maria. a fábrica tem cerca de dez anos e ainda funciona com muitas demandas técnicas.

A atividade é importante e mobiliza economicamente vários setores dentro da comunidade, como comércio e absorção de mão de obra, além de representar um elo importante de representação institucional através da associação.

A CONCLUIR...

A abstração teórica da disposição destes elementos empíricos, tais sejam as inovações técnicas em torno de uma atividade econômica, os arranjos institucionais locais em torno desta atividade como o associativismo e o controle e constante otimização do processo produtivo e comercial por parte dos camponeses deixam claro a existência de elementos tangíveis e simbólicos em torno das relações de trabalho e da manutenção da territorialidade e da capacidade reprodutiva da comunidade.

O mercado da maniva, portanto, se institucionaliza tendo como fundamento, a priori de sua existência, um contexto cultural, social e político que dá sentido à sua existência e a sua permanência enquanto atividade camponesa. Este contexto se manifesta pelas relações de

sociabilidade estabelecidas em torno das relações de trabalho, das inovações técnicas e da coletivização deste conhecimento até os esforços de união em torno de interesses comuns produtivos.

A territorialidade, em sua dimensão cultural, política e econômica, portanto, é o pressuposto básico do surgimento do mercado enquanto interação humana que transcende a materialidade econômica para existir, mas se fundamenta enquanto relação social, permeada de valores e imperativos individuais e coletivos.

O território camponês dispõe de elementos fundamentais para a constituição de modelos diferenciados de desenvolvimento e produção rural. Concentra, em sua formação, a associação de componentes sociais e materiais que finalizam no que se entende por territorialização camponesa um modelo próprio de controle de recursos naturais, humanos e econômicos capazes de dar motor a uma iniciativa local de produção em modelos e parâmetros específicos, imediatamente diferenciados do modelo homogêneo do capitalismo.

A importância de reunir estes elementos teóricos recai sobre a possibilidade de decodificar elementos inerentes a territorialidade camponesa que incidem diretamente sobre uma iniciativa produtiva local, compreendendo esta já como uma potencialidade por nascer e crescer sob a égide de elementos próprios e constituintes do território: faz sentido e se desenvolve já sob um pressuposto territorial que une elementos sociais e culturais como sustentos da atividade econômica, rompendo com paradigmas que ainda pressupõem o exógeno como elemento gerador do “desenvolvimento” das nossas Amazônias.

O que surge já como resultado de pesquisa é que os desafios, sejam de natureza logística, normativa, técnica, institucional ou de qualquer que seja devem ser enfrentados mediante parcerias e estímulos em favorecimento das iniciativas locais, no sentido de aperfeiçoamento técnico, infra estrutural, crédito e institucional, com vistas a manutenção da atividade e dos mecanismos de sustentação da autonomia produtiva e comercial. A experiência que ocorre em Tracuateua aponta para um horizonte reflexivo que limita a atuação do capital no campo no sentido exógeno e des-envolvimentista, como classicamente lhe é atribuído, rumo ao apoio e fortalecimento de potencialidades endógenas de cada território, capazes de internamente gerarem renda e, sob determinadas condições, modelos alternativos de desenvolvimento econômico, social, político, ecológico e cultural.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edna. **Tradição e modernidade:** a propósito de processo de trabalho na Amazônia. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, nº 1, p. 75 - 94, 1999.

CIARINI, Bruna Luiza Pereira. **Breve histórico da maniva pré-cozida na Associação de Moradores e Produtores de Traquateua da Ponta:** Uma atividade sustentável ou não? – Castanhal: IFPA Campus Castanhal, 2016. 74 f. : il.

COSTA, Francisco de Assis. PATH dependency e a transformação agrária do bioma amazônico: o sentido econômico das capoeiras para o desenvolvimento sustentável. Belém. *Novos Cadernos NAEA* v. 7, n. 2, p. 111-158, 2004.

COSTA, Francisco de Assis. Programa de Fortalecimento Da Agricultura Familiar (PRONAF) na Região Norte: contexto e impactos. Belém. *Novos Cadernos NAEA*, v. 4 nº 1. p.73 – 102. 2001.

NASCIMENTO, Antônio Arthur Cruz do. **Agricultura camponesa, sustentabilidade e estabilização territorial em Santo Antônio do Tauá-PA.** 2017. 2017. 64 f. Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental e Manejo de Paisagem, Belém, 2017.

PALHETA, I. G. V. **O uso da terra em Tauá-Vigia, Estado do Pará.** São Paulo: IGEOUSP, 1980, v.1.